

POLÍTICA DE NEGÓCIOS E ECONOMIA DE EMPRESAS

A FORMAÇÃO DO ARRANJO PRODUTIVO LOCAL EM LONDRINA E O ARRANJO PRODUTIVO LOCAL DE CIANORTE : UM ESTUDO COMPARATIVO DA CADEIA TÊXTIL-VESTUÁRIO NO ESTADO DO PARANÁ

AUTORES

MÁRCIA REGINA GABARDO DA CÂMARA

Universidade Estadual de Londrina
mgabardo@sercomtel.com.br

LUIZ GUSTAVO ANTONIO DE SOUZA

Universidade Estadual de Londrina
luizgustavosouza@uol.com.br

MARCO AURÉLIO ARBEX

PPA-Universidade Estadual de Maringá/Universidade Estadual de Londrina
marcoarbex@gmail.com

Resumo

Os arranjos produtivos locais (APL's) estimulam o crescimento econômico regional e as pesquisas científicas têm procurado identificar os elementos que contribuem para o seu sucesso. A cadeia têxtil-vestuário brasileira, em geral, está organizada em arranjos produtivos locais - empresas localizadas em uma determinada região que desenvolvem suas atividades de forma articulada e com uma lógica em comum. O artigo discute o grau de desenvolvimento do cluster têxtil-vestuário na cidade de Londrina comparativamente a Cianorte a partir dos graus de especialização obtidos pelo cálculo dos quocientes locacionais de emprego e estabelecimentos. Os procedimentos metodológicos envolveram a realização de uma revisão de literatura sobre as aglomerações e suas vantagens e o levantamento de dados secundários junto à base de dados da RAIS para identificar a evolução da aglomeração, a partir do cálculo do indicador de quociente locacional. Constatou-se que há especialização nas duas regiões abordadas em relação ao estado, no entanto há uma diferença no grau e na evolução histórica das duas regiões; Cianorte apresenta alta especialização em algumas etapas da cadeia e Londrina revela menor especialização e predominância em quase todas as etapas da cadeia. Conclui-se que em Cianorte o Arranjo Produtivo Local está desenvolvido e avança de um arranjo formal para um arranjo inovativo e que em Londrina, o arranjo é informal e apresenta potencial para o desenvolvimento.

Palavras-chave: Arranjo produtivo local, têxtil-vestuário, quociente locacional.

Abstract

The local productive arrangements (APL's) stimulate the regional economic growth and the scientific research has looked for to identify the elements that contribute for its success. The Brazilian chain textile-clothes, in general, is organized in local productive arrangements -

companies located in one determined region who in common develop its activities of articulated form and with a logic. The article comparatively argues the degree of development of cluster textile-clothes in the city of Native of London the Cianorte from the degrees of specialization gotten by the calculation of the locacional quotients of job and establishments. The methodology procedures had involved the accomplishment of a literature revision on the agglomerations and its advantages and the secondary data-collecting together to the database of the RAIS to identify the evolution of the agglomeration, from the calculation of the pointer of locacional quotient. It was evidenced that it has specialization in the two boarded regions in relation to the state, however has a difference in the degree and the historical evolution of the two regions; Cianorte presents high specialization in some stages of the chain and Native of London discloses to minor specialization and predominance in almost all the stages of the chain. The article concludes that Cianorte developed a formal APL, and Londrina an informal cluster, although it has a great potential for future development.

Key-Words: local productive arrangement, textile-clothes, locacional quotient.

1. INTRODUÇÃO

O interesse por aglomerações de empresas tem crescido nos últimos anos nas universidades e nos institutos de pesquisa porque os arranjos são uma importante fonte de desenvolvimento local. O estudo da cadeia têxtil-vestuário das cidades de Londrina e Cianorte justifica-se porque estudo prévio do IPARDES (2003) mapeou os arranjos produtivos localizados (APL's) no Paraná e identificou que Londrina e Cianorte como pólos importantes. Enquanto Londrina possui uma importante aglomeração industrial neste setor ao nível regional, Cianorte é um pólo têxtil consolidado nacionalmente. Considera-se importante encontrar os determinantes do sucesso do APL de Cianorte e as possíveis ações políticas e institucionais para o desenvolvimento de APL em Londrina.

O arranjo produtivo local caracteriza-se como uma aglomeração regional/local de firmas que possuem elos de natureza vertical entre fornecedores, horizontal entre as firmas instaladas e multilateral entre as firmas e as instituições públicas e privadas ligadas à atividade econômica e que desenvolvem atividades coordenadas com algum fim em comum. O artigo procura analisar o desenvolvimento das duas aglomerações produtivos do estado Paraná na cadeia têxtil-vestuário e discutir o sucesso do APL de Cianorte e a formação de um arranjo produtivo local na cadeia têxtil-vestuário na cidade de Londrina ; entre os objetivos específicos procura identificar os elementos que definem a formação de um *cluster* e o desenvolvimento de um arranjo produtivo local e a evolução das duas aglomerações industriais no norte do estado do Paraná. Para identificar a existência e tipificar o arranjo em questão, utiliza-se a metodologia de índice de quociente locacional.

Este estudo se desenvolve em 6 seções: primeiro, realiza-se uma breve introdução; a segunda parte discute a fundamentação teórica; a terceira, a metodologia adotada; a quarta apresenta o APL têxtil-vestuário da cidade de Londrina; a quinta apresenta o APL têxtil-vestuário da cidade de Cianorte a sexta analisa os resultados calculados do quociente locacional de estabelecimentos e empregos das duas cidades e por último, apresenta-se às considerações finais sobre o estudo.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

As aglomerações de empresas e instituições em *clusters* tornaram-se tema de pesquisas científicas a partir da disseminação dos trabalhos de Alfred Marshall, cujo tema de estudo foram os distritos industriais ingleses no final do século XIX. Vários estudos brasileiros recentes têm se inspirado nas idéias marshallianas; Albagli e Brito (2002) e Cassiolato e Lastres (2003) caracterizam *clusters* ou arranjos produtivos locais como: aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais, cujo centro é um conjunto específico de atividades econômicas e que apresentam vínculos entre si, mesmo que incipientes. Há a participação e interação de empresas prestadoras de serviços, produtoras de bens e serviços finais, fornecedoras de insumos e equipamentos, instituições públicas e privadas que formam a capacitação de recursos humanos (escolas técnicas e universidades), pesquisa, desenvolvimento e engenharia, política, promoção e financiamento.

Os APL's podem ser analisados sob vários aspectos do ponto de vista teórico e empírico. Suzigan (2000) discute as principais abordagens da literatura sobre *cluster*. A **nova geografia econômica**, proposta por Krugman (1995), destaca que a aglomeração pode emergir de um acidente histórico e da presença de economias externas acidentais e incidentais. A **economia dos negócios** de Porter (1998) enfatiza a importância da concentração das habilidades locais para as inovações comerciais e tecnológicas, incrementando a competitividade das firmas. A **economia regional**, segundo Scott apud Suzigan (2000), aborda a tendência do capitalismo a se organizar em *clusters* e a presença do governo pode criar fortes vantagens competitivas regionais. A **economia da inovação**, segundo Audretsch (1998) apud SUZIGAN (2000) enfatiza que a concentração geográfica das firmas aumenta suas capacidades de avanço tecnológico por criar um ambiente propício para a geração de conhecimento por existir várias pessoas com mútuo interesse num dado local, além do conhecimento tácito gerado pelo setor.

A partir das revoluções tecnológicas e a abertura das economias de maneira globalizada, a relevância dada à competição de maneira sistêmica se incrementou, principalmente no binômio *cluster*-competição, uma vez que ambos estão intrinsecamente relacionados. Para Porter (1998), arranjos ou *clusters* afetam a competição em três formas mais amplas: (1) incrementando a produtividade de empresas baseadas na área; (2) conduzindo a direção e a velocidade da inovação, que guia o crescimento da produtividade; (3) estimulando a formação de novos negócios, o que permite ao aglomerado crescer e se fortalecer. Desta forma, participar de um aglomerado viabiliza maior eficiência na busca de insumos, acesso a informações e tecnologia, parcerias, e mensuração e motivação para melhorias.

A competição tem se tornado um instrumento muito forte para o desenvolvimento de economias que buscam se inserir nos mercados globalizados. Porém, a estrutura de competição tem passado por profundas alterações, uma vez que a competição via preço cede lugar à competição via inovação e conhecimento. A inovação tem realizado a ruptura de velhas formas de trabalho e estimulado o surgimento de novos tipos de emprego. As firmas podem concorrer através de sua capacidade de inovar e não só através do preço.

A origem do processo inovativo se dá através do consumidor, que busca maximizar sua utilidade e inicia um processo de busca por novas tecnologias ou mesmo por necessidades que ainda não existem, a exemplo de novos produtos. Para Schumpeter (1982) a função do produtor é estimular essa necessidade, despertando o seu interesse para que o processo de inovação se inicie. O processo de inovação é interativo e conta com a contribuição de vários agentes econômicos e sociais que possuem diferentes tipos de informações e conhecimentos. A competitividade dos agentes econômicos depende cada vez mais da capacidade de lidar

com a informação para transformá-la em conhecimento. O importante não é apenas ter acesso à informação ou possuir um conjunto de habilidades, mas sim ter capacidade para adquirir novas habilidades e conhecimento.

As inovações podem se realizar de duas maneiras: **inovação radical** e **inovação incremental**. A inovação radical surge quando há desenvolvimento ou introdução de um novo produto, processo ou mesmo novo formato organizacional. Este tipo de inovação pode acarretar em uma ruptura com antigos moldes tecnológicos, mudando seu meio, podendo originar novas indústrias, setores e mercados. A inovação incremental se diferencia no caráter estrutural, onde esse não provoca grandes alterações. Podem ser consideradas inovações incrementais, uma diminuição de materiais e componentes na produção de um bem, a otimização de processos de produção e o *design* de produtos (LEMOS, 1999).

Para o pleno desenvolvimento do APL, a cooperação entre os agentes de vê ser intensa, “cooperação competitiva”, que incrementa o desempenho industrial e maximiza a eficiência e a competitividade. Segundo Mytelka e Farinelli (2000), é possível distinguir duas formas de cooperação entre firmas: vertical – estabelece relações entre firmas que desenvolvem atividades complementares em diferentes estágios da cadeia produtiva; horizontal – ocorre entre empresas do mesmo porte, que atuam num mesmo segmento e pode envolver instituições de apoio. Entretanto, a cooperação entre os agentes é determinada por diversos fatores, entre eles a estrutura de governança.

A governança em um *cluster* refere-se aos diferentes modos de coordenação, intervenção e participação dos diversos agentes, envolvendo o Estado em seus vários níveis, empresas, trabalhadores e organizações não-governamentais, nos processos de decisão locais e nas diversas atividades que envolvem a organização dos fluxos de produção. Para Silva (2004), os modos e relações de governança podem existir ou não em uma estrutura particular, dando origem a tipologias como as propostas por Campos e Vargas (2003), Mytelka e Farinelli (2000) e Cassiolato e Lastres (2001; 2004).

O estudo de casos de arranjos produtivos locais no Brasil ganha ênfase, relevando a localidade ante o global. O aprofundamento nos APL's permite identificar o seu grau de desenvolvimento e se realmente comporta-se como *cluster* inovativos. Com o auxílio de pesquisas voltadas ao desenvolvimento dos *clusters* brasileiros, é possível adotar políticas públicas para o desenvolvimento, compatíveis com a realidade.

3. METODOLOGIA

O estudo é de natureza formal, tem caráter longitudinal, utiliza dados secundários da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) no período 1995/2003 para realizar o cálculo dos índices de quociente locacional para emprego e número de estabelecimentos de maneira a identificar a existência de aglomerações locais que têm importância estadual. A fórmula proposta pelo IEDI (2002) para calcular o quociente locacional, para emprego ou estabelecimentos, é apresentada a seguir:

$$QL_{ij} = \frac{E_{ij} / E_{j\bullet}}{E_{\bullet j} / E_{\bullet\bullet}} = \text{Quociente Locacional do setor } i \text{ na região } j$$

E_{ij} = emprego/estabelecimento no setor i da região j

$E_{\bullet j} = \sum_i E_{ij}$ = emprego/estabelecimento em todos os setores da região j

$E_{j\bullet} = \sum_j E_{ij}$ = emprego/estabelecimento no setor i de todas as regiões

$E_{\bullet\bullet} = \sum_i \sum_j E_{ij}$ = emprego/estabelecimento em todos setores de todas as regiões

A partir da base de dados da RAIS coletaram-se os dados para compor uma série temporal entre os anos de 1995 e 2003 e verificar a evolução do nível de especialização dos setores desagregados a 5 dígitos pelo CNAE – 1995 nas cidades de Londrina e Cianorte. Esse estudo caracteriza-se como predominantemente estatístico e a hipótese a ser testada quantitativamente versa sobre a existência de uma aglomeração representativa em termos de número de estabelecimentos e número de empregos e as generalizações sobre os resultados são apresentadas com base na representatividade da amostra, uma vez que engloba todas as empresas que informaram seus dados na RAIS no período 1995/2003. Apesar das limitações da RAIS, tais como: autoclassificação, o fato de captar apenas o emprego formal e se basear nos dados de emprego e estabelecimento o que pode mascarar a dinâmica da mudança tecnológica do setor em análise, a base de dados da RAIS é frequentemente utilizadas em estudos de aglomerações industriais, esta base de dados permite não apenas elaborar os indicadores de especialização para Londrina e Cianorte, como também identificar, delimitar geograficamente e caracterizar estruturalmente o APL de forma a orientar a realização de estudos de casos uma vez que as informações são desagregadas ao nível de cinco dígitos da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) e por municípios.

5. A FORMAÇÃO DO ARRANJO PRODUTIVO LOCAL DE LONDRINA

Núcleo urbano planejado em 1929, Londrina cresceu com a economia regional cafeeira que a distinguiu por muitos anos de outras cidades brasileiras. De acordo com o IBGE, Londrina possuía população estimada de 480.822 habitantes em 2004.

Londrina possuía em 2002 US\$ 1.031.968.955,47 de produto interno bruto (PIB), sendo US\$ 2.560,04 o seu PIB per capita. A área de serviços contribui com 75,68% do PIB municipal, seguido da indústria com 21,22% e agropecuária com 3,10% (SECRETARIA DO PLANJAMENTO DE LONDRINA, 2003). Além disso, conta com a presença de órgãos de apoio às empresas e ao trabalhador (como o SEBRAE, SENAI, SESC e Associação comercial e industrial) e abriga a sede do Sindicato Intermunicipal das Indústrias do Vestuário (SIVEPAR), relacionado ao setor em questão neste estudo e a Universidade Estadual de Londrina que produz recursos-humanos especializados para o setor em análise.

A partir de uma pesquisa com 40 empresas, para o setor, uma não informou o número de funcionários. Das 39 restantes, 28 (71,79%) são micro-empresas, nove (23,07%) são empresas de pequeno porte, uma (2,56%) é empresa de médio porte e uma (2,56%) é empresa de grande

porte¹. Todas as empresas pesquisadas atuam no segmento de confecção, sendo que destas, uma também trabalha com estamparia e outra com tinturaria. Das 40 empresas pesquisadas, três (7,5%) afirmaram subcontratar outras empresas para atividades como acabamento, bordados, tecelagem e malharia. Todas as subcontratadas localizam-se na região (município de Londrina e cidades vizinhas).

Das 40 empresas pesquisadas, nove (22,5%) afirmaram atuar como subcontratadas de outras empresas (localizadas em sua maioria no município de Londrina ou na região). A maioria das empresas é varejista (52,5%). Oito empresas (20%) comercializam apenas através de representantes e quatro (10%) atuam somente no atacado. Das 40 empresas pesquisadas, 26 (65%) atuam apenas no município e seis empresas (15%) atuam apenas em outros estados. Três empresas (7,5%) atuam no município de Londrina e na região, quatro empresas (10%) atuam, além do município e da região, em outras regiões do estado e em outros estados. Apenas uma empresa (2,5%) exporta.

Quanto às máquinas e equipamentos utilizados, 15 empresas (37,5%) disseram adquiri-las normalmente apenas de fornecedores locais e 13 empresas (32,5%) disseram que compram apenas em outros estados. O restante das empresas (30%) disse que as máquinas e equipamentos são adquiridos tanto de fornecedores locais quando de fornecedores localizados em outras regiões do estado e também de outros estados. Quanto aos insumos utilizados (tecidos, aviamentos, adereços), 14 empresas (35%) os adquirem apenas de fornecedores locais e 12 empresas (30%) adquirem seus insumos apenas de fornecedores localizados em outros estados. O restante das empresas (35%) diz adquirir insumos tanto de fornecedores locais quanto daqueles localizados em outras regiões do estado e de outros estados.

Em relação à implementação de inovações no desenho/estilo do produto, 22 empresas (55%) dizem ter feito alterações nos últimos cinco anos. De modo geral, as empresas indicaram estar fazendo constantes alterações nesse sentido. A maioria das empresas (52,5%) também diz ter introduzido algum novo produto dentro dos últimos cinco anos. Das 40 respondentes, 26 empresas (65%) dizem não ter introduzido novos equipamentos nos últimos cinco anos, e 28 empresas (70%) dizem não ter introduzido novas matérias-primas em seus produtos.

Das 40 empresas pesquisadas, 30 (75%) não implementaram qualquer inovação organizacional nos últimos cinco anos (como: células de produção, *just-in-time*, CAD/CAM, 5s, TQM, círculos de qualidade, planejamento estratégico, sistema ABC de custeio, círculos de qualidade, Kaisen, Kanban). Cinco empresas (12,5%) implementaram entre uma ou quatro inovações organizacionais; e outras cinco empresas (12,5%) implementaram cinco ou mais inovações organizacionais nos últimos cinco anos, caracterizando-se como empresas inovativas, células de desenvolvimento local.

Dentre aquelas que implantaram cinco ou mais inovações organizacionais, observou-se maior utilização de bibliotecas e de publicações especializadas como fonte de aquisição de conhecimentos.

4. A CONSOLIDAÇÃO DO ARRANJO PRODUTIVO LOCAL DE CIANORTE

Cianorte possuía uma população em 1991 de aproximadamente 50.000 habitantes, segundo dados do IPARDES. Em 2003 a região contava com 420 estabelecimentos que pertenciam ao

¹ De acordo com a classificação da RAIS/MTE.

segmento têxtil-vestuário (RAIS/MTE) Segundo Maia (1993), a partir de 1977 algumas indústrias de Confeções vêm se destacando em relação à competitividade frente as demais cidades da região, estimulando a abertura de inúmeras empresas neste ramo a partir de 1989.

O APL têxtil-vestuário de Cianorte começou a se expandir a partir de 1977, dentro da tendência a desverticalização das atividades produtivas. A maioria das empresas faciona para as trabalhadoras domiciliares. E que, embora havendo poucas empresas trabalhando como subcontratadas ou facionadas, estas chegam a atingir não só o mercado interno como também o externo. Comprovando-se, assim, a existência da integração horizontal no ramo de Confeções de Cianorte (MAIA, 1993).

Cianorte caracteriza-se também pela presença de uma identidade sócio-cultural, extrapolando assim as relações econômicas para um ambiente coletivo. A identidade sócio-cultural, baseada na reciprocidade e confiança, facilita as relações entre os agentes e difunde o conhecimento tácito entre eles. Desta forma contribui para o fortalecimento e o desenvolvimento do aglomerado industrial. Ressalta-se que as ligações “para frente” são bem nítidas, considerando o volume de produção e da comercialização do produto final e a quantidade de empresas e postos de venda. Porém as ligações “para trás” são amenas, confirmando que ainda não há a presença de um parque industrial têxtil, apesar dos movimentos iniciais neste sentido.

A indústria têxtil - e o setor de confecções em particular - é constituída por micro, pequenas e médias empresas, intensiva em mão de obra. Segundo Campos (2003), 27,3% da amostra é composta por micro empresas, ao passo que as pequenas somam 50%, totalizando 77,3% entre micro e pequenas empresas. Nessa configuração produtiva, a forma de coordenação entre os agentes se torna um ponto a ser aprofundado. Mesmo que restrita a uma coordenação supostamente exercida pelas empresas, cabe verificar a existência de uma hierarquia entre os agentes do arranjo, seja através de subcontratação entre pequenas e médias empresas (hierarquia ou quase-hierarquia), seja através de redes distribuidoras (*buyer-driven*), as quais são formadas através do poder exercido pelos compradores na cadeia produtiva.

Grande parte das empresas pesquisadas em Cianorte desempenha as atividades de confecção, o que, por sua vez, não confirma a presença forte de hierarquia entre elas. A hierarquia só ocorre com algumas empresas menores (micro-empresas) que desenvolvem somente as atividades de facção e acabamento (9,1%) e somente a facção ou somente o acabamento (4,5%). Logo, as ações de coordenação, não pareceram ser substancialmente consistentes e amplas, no sentido de contar com mais empresas, a ponto de se verificarem agentes de uma estrutura de governança. As ações de coordenação são exercidas principalmente pelo mercado, pois a maioria das empresas possui poder semelhante dentro do arranjo produtivo analisado (CAMPOS, 2003).

A infra-estrutura tecnológica de uma indústria serve para o desenvolvimento da capacitação tecnológica, possibilitando a inovação em processo, produto e organização. Desta forma destaca-se a importância da base tecnológica na determinação da dinâmica industrial. Com estes aspectos é possível analisar que as principais inovações ocorridas nos últimos anos foram àquelas usadas nas fases iniciais do processo produtivo, ou seja, nas fases de concepção, desenho e preparação para executar o corte nos tecidos. Como mostra Campos (2003), são tecnologias baseadas na microeletrônica denominadas de sistema CAD/CAM (*Computer-Aided Design e Computer-Aided Manufacturing*), as quais permitem criar o modelo padrão, simular o encaixe das peças no tecido e determinar a melhor posição para minimizar o consumo do material.

A origem da matéria-prima, especialmente o tecido, está localizada em outros estados do Brasil (77,3%), principalmente o Estado de São Paulo. Isto prejudica o aspecto das relações verticais entre cliente/fornecedor, o que por sua vez, fragiliza a dimensão regional do arranjo, uma vez que um importante segmento da cadeia encontra-se fora da sua dimensão espacial. A proximidade com os fornecedores facilita a presença de mecanismos de aprendizagem interativa as quais reforçam os fluxos de conhecimento entre os agentes aumentando a capacidade de geração de inovações (CAMPOS, 2003).

Em relação à concorrência, os empresários apontaram que os principais concorrentes são os produtores locais e regionais. Mesmo nestas condições uma grande parte de empresários, 86,4% segundo Campos (2003), não pretendem associar-se a outras empresas para ampliar fatia de mercado. Comprova-se assim o comportamento conservador do empresariado local, que acham que a entrada de sócios pode mais atrapalhar do que contribuir, desestimulando novas ações coletivas entre os agentes do arranjo.

A competição se dá principalmente via preço e qualidade, e que as poucas formas de cooperação ocorrem entre micro e pequenas empresas, e se restringem a empréstimos temporários, principalmente os de matérias-primas. Porém se constata que esse tipo de cooperação não tem relação forte com o ambiente sócio-cultural desse arranjo, formado por migrantes com laços culturais e familiares relativamente fortes. Contestando as expectativas de cooperação pudessem ocorrer com maior frequências. Entretanto se observou um ambiente mais competitivo e pouco cooperativo, contrariando um dos atributos de um arranjo produtivo, que preza por um ambiente cooperativo e inovativo.

As organizações são vistas como agentes indutores da promoção do desenvolvimento do arranjo, seja através do estabelecimento de redução de incertezas, ou como agente de coordenação da estrutura de governança do setor analisado.

Dentre as principais associações e sindicatos destacam-se a ASAMODA (Associação de Shoppings Atacadistas de Moda) – envolvida com a atividade de vendas nas lojas dos shoppings e mostra-se bastante dinâmica, através da figura da gerente executiva. A ASAMODA possui 280 guias e 42.000 clientes cadastrados, além de organizar a Expovest, que a partir de 2003 é realizada duas vezes ao ano e gira em torno de 5.000 compradores, também possui uma marca coletiva – ÉVOLUS tendo o envolvimento direto de 80 empresários. O SINVEST (Sindicato do Vestuário) – possui como principal função fornecer informações aos empresários do setor de vestuários quanto às alterações na legislação. Contudo, trabalha em sinergia com a ASAMODA, na tentativa de viabilizar para as empresas melhores condições, na forma de incentivos aos cursos de qualificação, fornecidos principalmente pelo SENAI e SEBRAE entre outros.

Uma interação importante ocorre entre as instituições de ensino superior e o arranjo em questão. Em Cianorte existem duas faculdades com cursos voltados para o setor de confecções, são elas UEM (Universidade Estadual de Maringá) e UNIPAR (Universidade Paranaense), que incrementam a difusão de conhecimento especializado entre os agentes.

A região também possui organizações de qualificação técnica e de gestão, dentre elas o SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) – atua mais diretamente na preparação de mão-de-obra para a área de produção do setor de confecções. O SEBRAE (Serviço de Apoio à Pequena Empresa) é uma estrutura particular que atende a todos os setores da indústria e neste caso o de confecções de Cianorte.

À luz da análise desenvolvida sobre a competitividade nacional, como foi visto anteriormente, a estratégia da competição está fortemente centrada nos preços. Em Cianorte, esta é a visão já apontada por aqueles que coordenam as compras via excursões. No entanto, não se pode negar que as empresas de confecções buscam integrar-se a padrões de produção consistentes com as demandas por qualidade e eficiência da firma.

Assim todos os componentes da caracterização adotada foram reconhecidos em Cianorte, há concentração geográfica e setorial das firmas, a predominância de pequenas e médias empresas, a desintegração vertical ou integração horizontal, a competição cooperativa, a identidade sócio-cultural e a presença de instituições de auto-auxílio.

6. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Inicialmente pode-se destacar que os setores analisados tiveram um crescimento de 169,85% do total de empregados de 1995 para 2003 em Cianorte e 2,17% em Londrina para o mesmo período mostrando a dinâmica da cidade de Cianorte. Mesmo assim o setor analisado representava em 2003, 26,65% do emprego total na cidade um crescimento de 6,86% em relação a 1995. Em 2003, o setor têxtil-vestuário representava em Londrina 5,34% do emprego total na cidade, um decréscimo de 1,48% comparado a 1995.

A partir da fórmula proposta pelo IEDI (2002) para calcular o quociente locacional, para emprego ou estabelecimentos e conjuntamente com a base de dados da RAIS foi possível realizar uma série temporal entre os anos de 1995 e 2003, relatando o nível de especialização dos setores desagregados a 5 dígitos pelo CNAE – 1995 nas cidades de Londrina e Cianorte.

Em relação ao número de empregados, Cianorte possuía em 2003 especialização, ou seja $QL > 1$ para 7 setores da cadeia têxtil vestuário o que representa 28% da cadeia. Londrina possuía para o mesmo ano $QL > 1$ para 8 setores, o que corresponde a 32% da cadeia têxtil-vestuário (Tabela 1).

Outro ponto a se destacar é que Londrina possui empregos em outras partes da cadeia, como os setores de beneficiamento de algodão, fiação de fibras têxteis e artificiais que não aparece em Cianorte, mostrando que Londrina se beneficia por possuir os elos da cadeia nas proximidades.

Tabela 1 - Quociente Locacional de emprego por classe de atividade (CNAE - 1995) em Londrina e Cianorte – 2003

Código	Descrição	Londrina	Cianorte
17116	Beneficiamento de algodão	7,3	0,0
17191	Beneficiamento de outras fibras têxteis naturais	0,3	0,0
17213	Fiação de algodão	0,0	0,0
17221	Fiação de fibras têxteis naturais, exceto algodão	5,2	0,0
17230	Fiação de fibras artificiais ou sintéticas	5,7	0,0
17248	Fabricação de linhas e fios para costurar e bordar	0,0	62,7
17310	Tecelagem de algodão	0,0	0,0
17329	Tecelagem de fios de fibras têxteis naturais, exceto algodão	0,0	0,0
17337	Tecelagem de fios e filamentos contínuos artificiais ou s	0,0	0,0
17418	Fabricação de artigos de tecido de uso domestico incluindo	0,2	0,7
17493	Fabricação de outros artefatos têxteis incluindo tecelagem	4,5	0,0
17507	Acabamentos em fios, tecidos e artigos têxteis, por terceiros	2,8	11,4
17612	Fabricação de artefatos têxteis a partir de tecidos - exceto vestuário	1,3	0,3

17620	Fabricação de artefatos de tapeçaria	0,3	0,0
17639	Fabricação de artefatos de cordoaria	0,0	0,0
17647	Fabricação de tecidos especiais - inclusive artefatos	0,5	0,0
17698	Fabricação de outros artigos têxteis - exceto vestuário	0,4	4,9
17710	Fabricação de tecidos de malha	0,4	3,7
17795	Fabrç. De outros artigos do vestuário produzidos em malha	0,1	0,0
18112	Confecção de roupas íntimas, blusas, camisas e semelhantes	1,1	8,1
18120	Confecção de peças do vestuário - exceto roupas íntimas, blusas, ca.	1,9	12,3
18139	Confecção de roupas profissionais	0,5	0,0
18210	Fabricação de acessórios do vestuário	0,8	2,7

Fonte: RAIS/MTE. Elaboração dos autores

Os setores analisados tiveram um crescimento de 183,78% do total de estabelecimentos de 1995 para 2003 em Cianorte e 4,49% em Londrina para o mesmo período mostrando que o crescimento neste curto período pode ter acontecido pelas economias externas oriundas da aglomeração. Estes dados direcionam para que o crescimento do número de empregos, de igual semelhança a este, seja em virtude das contratações das novas empresas instaladas e não tanto a contratações adicionais de empresas antigas. Mesmo assim o setor analisado representava em 2003, 20,77% dos estabelecimentos total na cidade um crescimento de 7,58% em relação a 1995. Em 2003, o setor têxtil-vestuário representava em Londrina 1,99% dos estabelecimentos total na cidade, um decréscimo de 0,67% comparado a 1995.

Em relação ao número de estabelecimentos, Cianorte possuía em 2003, especialização, ou seja $QL > 1$ para 9 setores da cadeia têxtil vestuário o que representa 36% da cadeia. Londrina possuía para o mesmo ano $QL > 1$ para 10 setores, o que corresponde a 40% da cadeia têxtil-vestuário (Tabela 2). Assim corrobora a nossa análise em relação aos elos que estão mais presentes em Londrina do que em Cianorte.

Tabela 2 - Quociente Locacional de estabelecimento por classe de atividade (CNAE - 1995) em Londrina e Cianorte – 2003

Código	Descrição	Londrina	Cianorte
17116	Beneficiamento de algodão	0,91	0,0
17191	Beneficiamento de outras fibras têxteis naturais	1,29	0,0
17213	Fiação de algodão	0,0	0,0
17221	Fiação de fibras têxteis naturais, exceto algodão	3,52	0,0
17230	Fiação de fibras artificiais ou sintéticas	3,87	0,0
17248	Fabricação de linhas e fios para costurar e bordar	0,0	24,7
17310	Tecelagem de algodão	0,0	0,0
17329	Tecelagem de fios de fibras têxteis naturais, exceto algodão	0,0	0,0
17337	Tecelagem de fios e filamentos contínuos artificiais ou s	0,0	0,0
17418	Fabricação de artigos de tecido de uso doméstico	1,11	2,35
17493	Fabricação de outros artefatos têxteis incluindo tecelagem	2,21	0,0
17507	Acabamentos em fios, tecidos e artigos têxteis, por terceiros	1,13	10,78
17612	Fabricação de artefatos têxteis a partir de tecidos - exceto vestuário	0,9	0,96
17620	Fabricação de artefatos de tapeçaria	1,08	0,0
17639	Fabricação de artefatos de cordoaria	0,0	8,98
17647	Fabricação de tecidos especiais - inclusive artefatos	1,94	0,0
17698	Fabricação de outros artigos têxteis - exceto vestuário	0,83	1,76
17710	Fabricação de tecidos de malha	0,98	3,14
17795	Fabrç. De outros artigos do vestuário produzidos em malha	0,43	0,0
18112	Confecção de roupas íntimas, blusas, camisas e semelhantes	1,14	5,19

18120	Confecção de peças do vestuário - exceto roupas íntimas, blusas, ca.	1,00	14,67
18139	Confecção de roupas profissionais	0,95	0,0
18210	Fabricação de acessórios do vestuário	0,68	1,66

Fonte: RAIS/MTE. Elaboração dos autores

CONCLUSÃO

O APL de Cianorte possui um alto nível de especialização correspondendo a um dos principais pólos do vestuário brasileiro. Apesar de não se configurar como um cluster inovativo este tem grandes chances de comportar-se mais facilmente. Porém nota-se que não há predominância de todos os elos da cadeia em Cianorte o que poderia beneficiar a cidade com economia de custos. As políticas locais e estaduais devem ser articuladas para acelerar o amadurecimento e promover o desenvolvimento APL inovativo.

O arranjo produtivo local de Londrina pode ser considerado uma aglomeração informal, com potencial para tornar-se um arranjo coordenado e formal. O entorno regional do município é propício para o desenvolvimento industrial, e conta com instituições de ensino, fornecedores de apoio técnico e com empresas de outras etapas da cadeia. Uma ressalva diz respeito à presença de fornecedores adequados na região (tanto de insumos quanto de equipamentos, principalmente), uma vez que grande parte das empresas mantém contatos regulares com fornecedores de outras regiões.

Contudo Londrina possui uma dinâmica muito mais diversificada que Cianorte o que não aparece no cálculo dos quocientes locais que pode estar subestimando a cidade em relação à gama de setores existentes. Mesmo assim Londrina possui atuação em mais elos da cadeia do que Cianorte mostrando que a cidade tem condições de comportar um arranjo produtivo local avançado. Porém a atuação de instituições é fraca, tornando as relações entre os agentes incipientes, relevando-se a concorrência ao invés da cooperação.

BIBLIOGRAFIA

ALBAGLI, Sarita; BRITO, Jorge. **Glossário de Arranjos e Sistemas Produtivos e Inovativos Locais** (Organizadores). LASTRES, H. M. M.; CASSIOLATO, J. E.(Coord). Projeto *Arranjos produtivos locais: uma nova estratégia de ação para o Sebrae*. Rio de Janeiro: RedeSist: fev. 2003.

CAMPOS, Antonio Carlos de. **Arranjos produtivos no estado do Paraná: o caso do município de Cianorte** (tese de doutorado). UFPR : mar. 2004.

CAMPOS, R.; VARGAS, M. Forms of governance, learning mechanisms and localized innovation: A comparative, analysis in local productive systems in Brazil. *Conferencia internacional sobre sistemas de inovação e estratégias de desenvolvimento para o terceiro Milênio*, Rio de Janeiro: GLOBELICS, nov, 2003.

CASSIOLATO, Jose Eduardo; SZAPIRO, Marina; LASTRES, Helena Maria Martins. *Caracterização e taxonomias de arranjos e sistemas produtivos locais de micro e pequenas empresas..* LASTRES, H. M. M.; CASSIOLATO, J. E.(orgs) Projeto Arranjos produtivos locais: uma nova estratégia de ação para o Sebrae Rio de Janeiro: Redesist, ago. 2004.

CASSIOLATO, J. E.; LASTRES, H. M. M. **Arranjos e Sistemas Produtivos Locais na Indústria Brasileira**. In: CASSIOLATO, J. E.; LASTRES, H. M. M (Org.) *Parcerias Estratégicas*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

IEDI. *Clusters ou sistemas locais de produção e inovação: Identificação, caracterização e medidas de apoio*. mai. 2002.

IPARDES. Arranjos produtivos locais e o novo padrão de especialização regional da indústria paranaense na década de 90 / Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. – Curitiba : IPARDES, 2003.

KRUGMAN, Paul. *Development, geography and economic theory*. Cambridge: MIT Press, 1995.

LASTRES, H. M. M.; ALBAGLI, S. **Informação e Globalização na era do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

LEMO, C. Inovação na era do Conhecimento. In: LASTRES, H; ALBAGLI, S. de (Org.). *Informação e Globalização na era do Conhecimento*. Rio de Janeiro: Campus, 1999. p. 48-72.

MAIA, Katy. Confecções em Cianorte: um Distrito Industrial?. *Revista de Economia*, Curitiba, v. 19, p. 137-176, 1995.

MYTELKA, Lynn; FARINELLI, Fulvia. *Local clusters, innovation systems and sustained competitiveness*. Projeto: Arranjos e Sistemas Produtivos Locais e as Novas Políticas de Desenvolvimento Industrial e Tecnológico. CASSIOLATO, J.E.; LASTRES, M.H.M(orgs.) RedeSist: Rio de Janeiro, dez. 2000.

PORTER, Michael. Clusters and the new economics of competition. *Harvard Business Review*, nov-dez, p.77-90, 1998.

RAIS/ MTE – *Relação Anual de Informações Sociais do Ministério do Trabalho e da Educação*. 2003. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br/rais>>. Acesso em: 30 de mar. 2005.

SCHUMPETER, J. A. *Teoria do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Nova Cultural, 1982.

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO DO MUNICÍPIO DE LONDRINA. **Perfil do Município de Londrina**, Londrina, Prefeitura do Município de Londrina, 2003.

SUZIGAN, W., et al. *Aglomerções industriais no Estado de São Paulo*. Instituto de Economia, Universidade de Campinas (UNICAMP). São Paulo: Brasil, 2000.